



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

PRESENÇA DE INFLUÊNCIA DA ARQUITETURA AFRICANA NA REGIÃO DE CASA BRANCA SP

ÁUREA BIANCA VASCONCELOS ANDRÉ¹

ORIENTAÇÃO: DRA. JÉSSICA DE ALMEIDA POLITO²,

DR. MÁRIO MARANGONI FILHO³

Resumo: A ampla e diversa formação cultural do Brasil também carrega heranças construtivas africanas. O presente artigo tem como intuito apontar e discutir algumas questões relativas a possibilidade da existência de arquitetura africana na cidade de Casa Branca, interior de São Paulo. Não se pretende esgotar o tema, uma vez que este requer ainda um esforço de pesquisa e de teorização muito mais aprofundada. A intenção é de levantar questões raras e carentes no ramo de pesquisa da história afro-brasileira. Neste sentido procurou-se compreender através de censos, mapas, Listas Nominativas de Habitantes, tráfico de escravos pela rota dos bandeirantes na cidade de Casa Branca e herança construtiva africana na visão de estudo de ocupação territorial dos escravos africanos na cidade de Casa Branca – SP.

Palavras-chave: Casa Branca, Moradia Escrava, Ocupação Territorial, Arquitetura Africana.

INTRODUÇÃO

O continente Africano sempre foi alvo de preconceitos de diversas maneiras e incluindo a sua estrutura arquitetônica e urbanística. Na antiguidade clássica existiram grandes impérios e poderosas cidades majestosas dentro de florestas altas e densas ou à margem do deserto. Com a chegada das grandes explorações que se deram início do século XIX cada manifestação cultural africana foi “etiquetada” como “produção selvagem” (SOURCE, 1974). Essa inferiorização vinda dos colonizadores europeus fazia parte de uma estratégia militar para melhor colonizar.

¹Graduanda do Curso de Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Email: aureaandre16@gmail.com

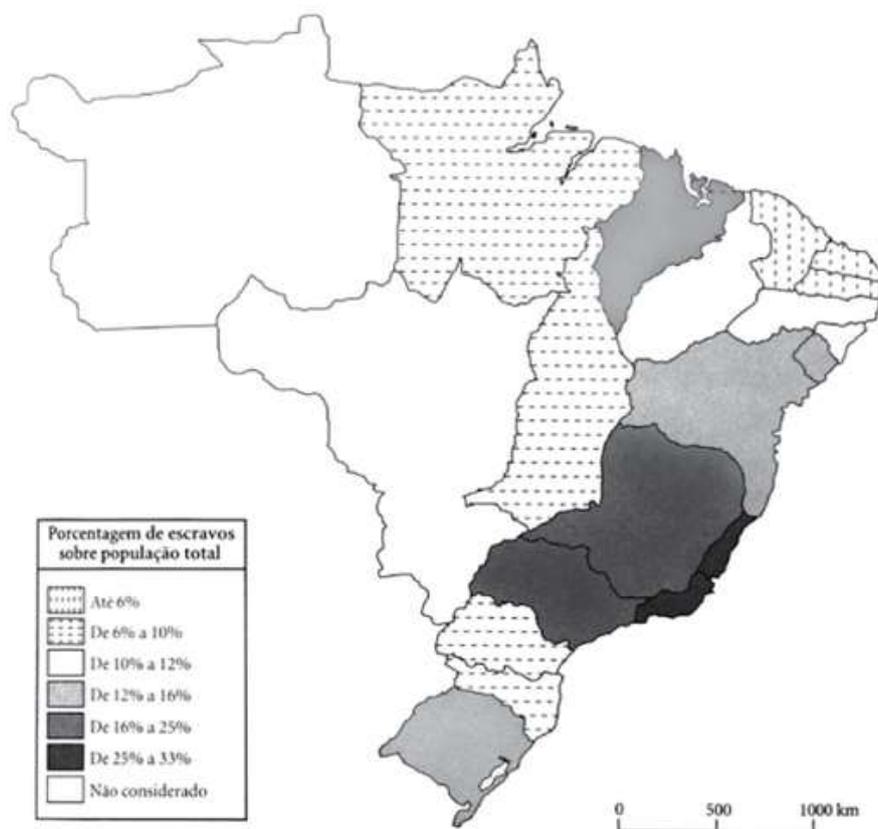
² Docente do Curso Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário Adventista de São Paulo, 131650-970 Engenheiro Coelho, Brasil. E-mail: jessica.polito@ucb.org.br;

³ Docente do Curso Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário Adventista de São Paulo, 131650-970 Engenheiro Coelho, Brasil. E-mail: mariomarangoni@uol.com.br;



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

O tráfico negreiro começou no século XVI exportando escravos da África Ocidental para as Américas e para a Europa, a necessidade de mão de obra gratuita se intensificou no século XVII com o impulso da indústria açucareira causando um aumento no número de escravos vindo da África para o Brasil.



(ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.) História da Vida Privada no Brasil Vol 2. São Paulo: Cia. das Letras, 1997, p. 247

De acordo com MACIEL (1994, p.) conforme citado por PEREIRA (2011. p.5) o Brasil teve três ciclos de entrada de negros, começou com o ciclo da Guiné (SEC.XVI) e se prolongou pelo ciclo de Angola (SEC.XVII), ciclo da costa da mina do golfo de Benin (SEC. XVII, até 1815) e a última fase, em 1856, quando o tráfico ilegal terminou. Durante o século XVI, a maioria dos escravos trazidos ao Brasil, entre a Bahia e o Rio de Janeiro, era composta de sudaneses. Esses africanos foram embarcados nos portos da Guiné, por isso, foram também conhecidos como negros da Guiné (MACIEL, 1994).



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Os escravos provenientes da Angola e Moçambique desembarcavam no sudeste do Brasil (Rio de Janeiro e Santos), enquanto que os provenientes de Benin, Níger e Nigéria desembarcavam em Pernambuco e Bahia. Juliana Faria (2009) afirma que na ausência ou déficit de mão-de-obra especializada, o escravo era utilizado na produção e apropriação do espaço habitacional.

A resistência de muitos escravos resulta nos quilombos, que eram lugares de refúgio dos escravos africanos, indígenas e homens brancos foragidos da coroa portuguesa. Os escravos adentravam o interior das cidades, procurando áreas de difícil acesso para os seus senhores e frequentemente em terrenos de solo propício para cultivo e perto de rios.

A proposta deste artigo é dar maior foco às moradias africanas em Casa Branca e ressaltar a possível influência da arquitetura africana nas moradias na cidade Casa Branca SP.

CASA BRANCA

De acordo o IBGE o município de Casa Branca está localizado no nordeste do estado de São Paulo, embora tenha sido registrado o *Almanak* como um município pertencente à província de Mogi Mirim em 187. Casa Branca é cortada pelos rios Moji-Guaçu e Pardo, rota essa que foi muito usada como rota percorrida pelos bandeirantes no caminho de Goiás, no século XVII, supondo-se que tenha passado por ela Bartolomeu Bueno da Silva, o “Anhanguera”. Entretanto os registros históricos da cidade relatam que sua povoação teve o seu início, no fim do século XVIII.

O topônimo surge de uma pequena “casa caiada”, existente ao lado do pouso de tropeiros que demandavam a Minas e Goiás, “aquém do ribeirão espriado que banha a cidade”, segundo o historiador Lafayette de Toledo. Relatos apontam que seu



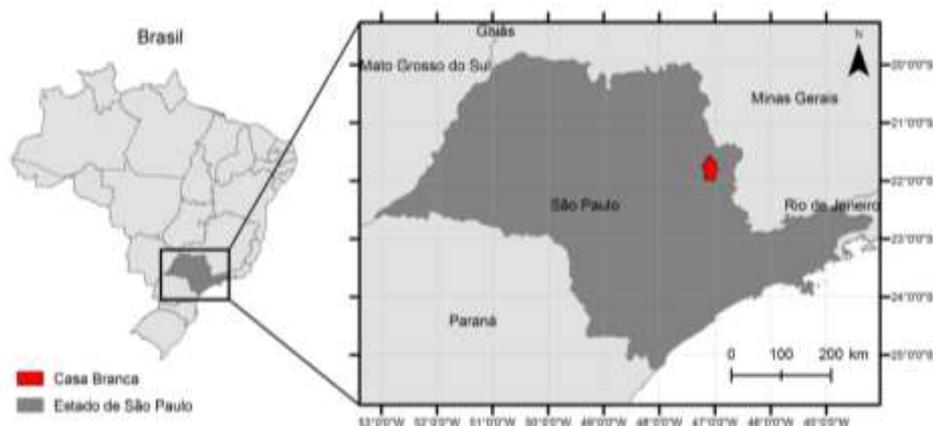
proprietário “Nazaré”, hospedava os tropeiros que percorriam a “estrada real” em sua pousada.

A vocação da cidade como ponto de Convergência de caminhos se acentuou mais após a construção da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, na sua bifurcação da linha tronco com ramal para Minas Gerais. Casa Branca também teve destaque no ramo sociocultural, obtendo um dos mais antigos estabelecimentos de ensino normal, o Instituto de Educação “Dr. Francisco Tomas de Carvalho”.

A evolução econômica da cidade a tornou em um centro chamado de “Oeste Novo” paulista e a evolução política-administrativa teve seu início com uma freguesia, em outubro de 1814, posteriormente se tornando em uma vila em fevereiro de 1841 e depois em cidade, ainda no século passado, em março de 1872. No mencionado *Almanak* de 1873 a produção da cidade envolvia café, açúcar, algodão e gêneros alimentícios.

O território de Casa Branca, no século passado, compreendia os atuais Municípios de São Simão, Cajuru, Mococa, Santa Rita do Passa Quatro, São José do Rio Pardo, Santa Cruz dos Palmares e Caconde.

Figura 1 – Mapa de localização



Fonte: Mapeamento geoambiental do município de Casa Branca (SP)



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

PRODUÇÃO

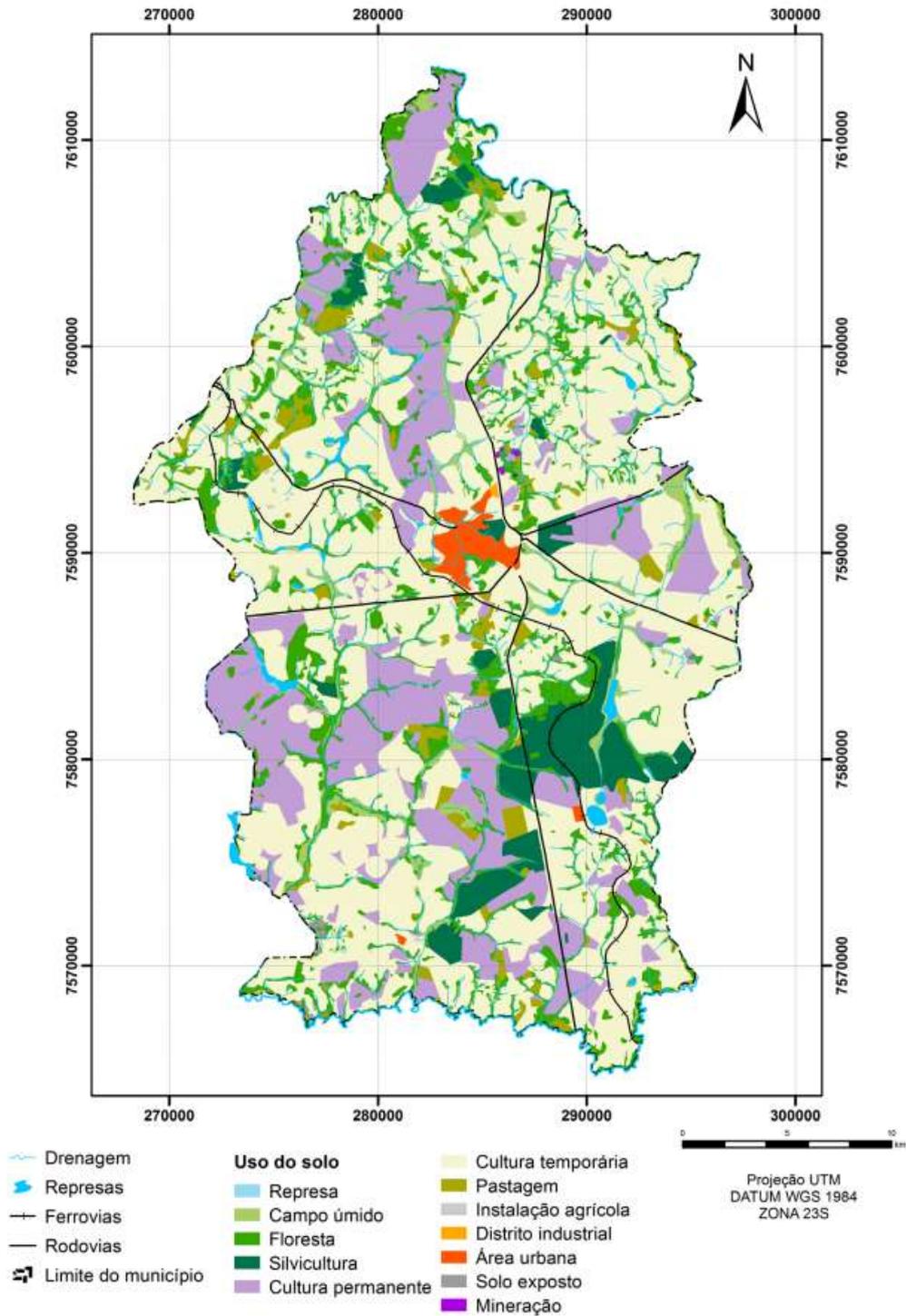
O município de Casa Branca, SP, apresenta uma notória vocação para a atividade agrícola. Metade dos seus 865 km² estão ocupados com o plantio de culturas anuais, citrus e cana-de-açúcar. Apresenta, ainda, acesso facilitado ao interior do Estado de São Paulo, como as regiões de Ribeirão Preto e Vale do Paraíba fora tais condicionantes, vale, então, destacar as condições do meio físico sobre o qual o município está assentado.

O relevo, em sua maior parte, é suave ondulado, permitindo a utilização de variados equipamentos voltados ao desenvolvimento da agricultura, inclusive de equipamentos de irrigação do tipo pivô central. Somado a estes fatos, a área do município encontra-se quase integralmente assentada sobre rochas sedimentares e ígneas da porção limítrofe da Bacia do Paraná, aliando à proximidade dos grandes centros urbanos com a melhor condição de relevo e de solos para a agricultura. Salienta-se, ainda, que embora o potencial erosivo da região seja baixo (Ross e Moroz, 1997), o município de Casa Branca foi classificado como muito crítico em relação à suscetibilidade à erosão por IPT (1998).



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Figura 2 – Mapa de uso e cobertura do solo



Fonte : Mapeamento geoambiental do município de Casa Branca (SP)



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

PRESENÇA DE ESCRAVOS EM CASA BRANCA

De acordo José Flávio Motta “com o movimento da ‘onda verde’ cafeeira, proveniente do Vale do Paraíba e demandante do Oeste histórico da Província de São Paulo, conformou o pano de fundo do tráfico humano aqui analisado”.

Apesar da pouca existência de registros de escravos em Casa Branca, a presença deles é indiscutível por ser notável o interesse de seus contratantes, tratando de uma região localizada no Oeste Novo da província de São Paulo região está, onde expandia a cafeicultura pelo território paulista.

A identificação desses ajustes decorreu do exame de muitas centenas de escrituras de transações envolvendo escravos em diferentes municípios paulistas nas décadas finais do período escravista no Brasil. E a atenção dada a esses documentos notariais, por seu turno, vinculou-se ao estudo do tráfico interno de cativos ao qual temos nos dedicado há vários anos. (MOTTA)

Jose Paulo Motta em seu levantamento sobre comércio de escravos em 1880 em Casa Branca tem como registrado 103 negociados cativos. A tabela abaixo mostra os números de escravos transacionados entre os anos de 1881 a 1887 em Casa Branca.

Tabela 1 - Escravos Transacionados em Casa Branca e Ano do Registro

Anos	Número de Escravos
1881	10
1882	28
1883	-
1884	4
1885	18
1886	40
1887	9



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Total	109
--------------	-----

Fonte: Livros notariais de registro de escrituras.

A diminuição no número de escravos é notória consoante a véspera da abolição da escravatura com a Lei Áurea em maio de 1888. Gorender menciona que “o tráfico de escravos intensificou-se no Oeste Novo e surgiram entrepostos como Rio Claro e Casa Branca, que se tornaram apreciáveis mercados de distribuição de escravos provenientes de Minas Gerais e do Norte”. Gorender (1985, p. 586-587).

Existia também uma preferência dos senhores em comprar escravos procedentes da África Ocidental por apresentarem predominância nos planteis da região, na metade do século XVII (FARIA, 2010).

Pressupõe-se que as construções desenvolvidas nos séculos XVII e XIX, tenham uma influencia africana considerando o fato de que eles foram a “mão construtora” do processo de colonização e culturas construtivas.

Tabela 2 - Escravos Idosos e Total de Cativos Transacionados em Casa Branca e Ano do Registro

Períodos	Escravos Idosos			Total de Cativos	Porcentual de Idosos
	Homens	Mulheres	Total		
1861-1869	22	15	37	783	4,7
1870-1873	32	13	45	615	7,3
1874-1880	40	13	53	1.578	3,4
1881-1887	44	14	58	701	8,3
1861-1887	138	55	193	3.677	5,2

Fonte : Escrituras de transações envolvendo escravos

DINÂMICA DE OCUPAÇÃO

Os povos africanos provenientes de Angola, que por sinal na altura era o país que exportava escravos para o Brasil e o mundo tinham como prática a dedicação à agricultura e criação.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Para conceituar a relação de um grupo social com o espaço como constituidora de um território é preciso haver uma ocupação relativamente estável ou frequente desse espaço, visando controle e acesso de meios de materiais a reprodução social do grupo, e também que características da cultura e identidade, originadas no processo de ocupação, sejam impressas nesse espaço (HAESBAERT, 2004).

A ocupação territorial é caracterizada por uma relação entre diferentes comunidades e suas forças de poder estabelecendo uma hierarquia. Por essa razão, as diferentes condições autônomas refletidas em um espaço ocupado, também estão sujeitas ao poder de fatores sociais externos e as suas logicas de ocupação de espaço. (HAESBAERT, 2007).

A ocupação de um terreno tem como influencia o modo em que um grupo se relaciona com o mesmo espaço ocupado para se estabelecer e afirmar sua construção no espaço. (HAESBAERT, GONÇALVES, 2006). A apropriação de um espaço vem acompanhada da identidade cultural, um fator de extrema importância no ramo de estudo do território (ALMEIDA, 2008).

A cultura é uma base da identificação de um povo, ela serve de mediação entre o homem e mundo, por interação do espaço. Assim a identidade é construída em simultaneamente a territorialidade, durante a organização social do espaço ocupado junto a construção do território. (MARTINS, 2000).

A identidade do território também tem uma relação com questões sociais e históricas de onde esse grupo vem. A pluralidade dos grupos pertencentes em um só espaço influencia nos fatores socioespaciais e nos diferentes modos de apropriação do espaço. (ALMEIDA, 2009)

Os aspectos naturais por si só, tem uma importância na materialidade e construção no processo de ocupação territorial, que de acordo Fernanda Matuk (2009 p. 31) tem mais relevância ainda quando se trata de grupos tradicionais, onde a organização



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

territorial e dinâmica socioespacial depende diretamente das condições naturais e afetam a produção.

Apesar da cultura e a natureza serem elementos dinâmicos na dinâmica de ocupação de solo e construção, existe uma tendência em formas de organização territorial resistentes a mudanças, como os quilombos, que mantiveram características afrodescendentes, conforme Matuk (2012).

O desenvolvimento urbano que ocorria em Casa Branca com a chegada da Estrada de Ferro Mojiana, em 1872, e a produtividade cafeeira da região resultaram em um crescimento urbano e rural do município.

Na primeira metade do século XVIII as fazendas expandiram no que resultou em na busca de outros locais para cultivos e outras atividades de produção como, procura de escravos fugitivos, desmatamento de quilombos e execução de obras e ofícios pelos sertões inóspitos.

“Tanto os escravos das áreas urbanas, como os trabalhadores das propriedades rurais tiveram a possibilidade de se associarem e de transmitirem uma herança cultural em mutação para uma nova geração por meio da socialização de sua prole” (FARIA, 2001).

Pressupõe-se que as construções do século XVII e XIX tenham os escravos vindos das áreas de cultura negra mais adiantada foram um elemento ativo, criador, e quase que se pode acrescentar nobre na colonização do Brasil; degradados apenas pela sua condição de escravos. Longe de terem sido apenas animais de tração e operários de enxada, a serviço da agricultura, desempenharam uma função civilizadora. Foram a mão direita da formação agrária brasileira, os índios, e sob certo ponto de vista, os portugueses, a mão esquerda. (FREYRE, 1992, p.391)



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Considerando a arquitetura popular e construção rural, distinguem-se dois tipos de moradias, uma de autonomia escrava e outra dos engenhos. Ambos presentes no meio rural, contudo foram selecionadas duas fazendas café com intuito de analisá-las a fim compreender a influência africana nessas moradias suscitando discussões no âmbito da arquitetura popular brasileira.

Essas fazendas apresentam diversas técnicas construtivas no que tange terra crua como material de construção que fazem parte da maior herança de arquitetura colonial trazida por escravos africanos e portugueses.

As moradias escravas e suas estruturas arquitetônicas como ocupação de solo são elementos que contribuem para a Arquitetura popular brasileira.

Figura 3 –São Paulo : Regiões contempladas por Sergio Millet no Roteiro do Café e localidades selecionadas



Fonte: Localidades adicionadas a figura extraída de MILLET, Sergio. *Roteiro do café e outros ensaios* : contribuição para o estudo de historia econômica e social do Brasil: s.ed, 1939, p.23

TECNICAS CONSTRUTIVAS AFRICANAS



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

A técnica parece acompanhar o homem desde os primórdios da cultura humana, o que lhe atribuiu a ampla ciência do ambiente natural como provedor de materiais, ferramentas e espaço inspirador de como ele será utilizado com o propósito da construção.

O controle sobre os materiais e a preparação necessária para participar do processo construtivo baseia-se na formação de organizações, onde os membros passam por um longo período de aprendizagem e onde desenvolvem o uso de terminologias específicas para cada método. (FARIA)

Segundo Oliver (2006), podemos afirmar que “saber-fazer é conceitualmente situado dentro de um extenso e cognitivo mapa ou território que constitui a totalidade do conhecimento de construir e habitar de uma sociedade específica”.

MORADIA ESCRAVA NAS FAZENDAS DE CASA BRANCA

A maior parte da produção cafeeira na região do Sertão do Rio Pardo, na qual se insere Casa Branca, teve sua influência dos colonos europeus e asiáticos, que habitavam em casas isoladas ou geminadas das colônias. Surgem então registros do trabalho escravo nas fazendas Cachoeira, Aurora e Brejão, existindo a possibilidade de se encontrar senzalas nas últimas duas. (RODRIGUES, 2010).

As senzalas eram edificações de alojamento dos escravos separadas, mas próximas às casas de sede. Constituíam-se de cubículos isolados com poucas janelas e portas, geralmente feitas de madeira e barro e sem divisórias.

Pohl (1951) consta que a inexistência ou poucas janelas e portas é uma característica encontrada na África, “de quinze cabanas sem janelas que só recebem luz pelas portas” (POHL, 1951, p. 187). Esta característica é encontrada dos dois lados do Atlântico, já que nas construções da África, na maior parte das vezes, há a presença



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

de uma só porta como única abertura. (FARIA, 2011). A inexistência das janelas nas construções é uma atribuição da cultura do povo Bantu.

Figura 1 - Principais áreas de concentração de quilombos no Brasil – 2012



Fonte: Rafael Sanzio Araújo dos Anjos, 2009 Org.: Cicilian Luiza Löwen Sahr, 2012

Em uma entrevista com a Rede Globo, o professor, professor Günter Weimer, da PUC-RS e da UFRGS afirmou que um dos traços característicos da arquitetura africana nas construções brasileiras é o telhado de duas águas, para o professor "o telhado em



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

forma de "V" invertido era comum nas casas mais simples, por influência da arquitetura desenvolvida no noroeste de Angola e da costa de Guiné Bissau. As varandas brasileiras também são, segundo Weimer, muito semelhantes àquelas encontradas em Moçambique e Angola, indicando uma importação das técnicas daqueles países. (Rede Globo).

As presenças das habitações escravas nas fazendas de Casa Branca são comprovadas apenas por documentos históricos, pois elas não fazem parte das novas instalações das fazendas.

Segundo Ascendino Thomé a senzala foi demolida com intuito de apagar a história da escravidão que ocorreu na fazenda, pois a senzala relatava em si atos de violência contra os escravos:

``[...] próximo a serraria tinha a colina da Serra, o monjolo, o moinho de fazer fubá, a máquina de arroz e a máquina de café [...] e por ali tinha acerca de 300 a 400 daquela aranha que punha na canela dos crioulos para fugir [...] isso aí eu alcancei [...] em 1950 elas ainda estavam lá''' (Entrevista a MPHR, em 26/06/2009)

Entretanto cabe-nos questionar se as senzalas, quilombos e outras moradias dos escravos estavam sob domínio dos próprios escravos ou de seus senhores? As pesquisas históricas no que tange a influência africana na arquitetura brasileira apontam que "quando tiveram oportunidade para tanto, os escravos configuraram suas moradias baseando-se em formas e técnicas africanas" (MARQUESE, 2005, p.166).

No livro "The encyclopedia of vernacular architecture of the world" de Oliver, pode-se constatar que apesar dos seus senhores cuidarem das construções, os escravos tinham a autonomia de erigirem as senzalas segundo as suas culturas construtivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os europeus habitualmente consideram as construções africanas no Brasil como abrigo e não como arquitetura, assim não se cogitou sua descrição em fontes oficiais, segundo Weimer (2005) devido os preconceitos dos europeus e de históricos da elite, a arquitetura africana sempre foi considerada como primitiva, selvagem e atrasada.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Contudo é inevitável discutir sobre a arquitetura popular brasileira considerando a influência da arquitetura africana.

Com a análise feita nas Listas Nominativas de Habitantes, podemos confirmar que Casa Branca era um ponto de vendas de escravos africanos. Esse contexto leva-nos a aventar a hipótese de também, pequenas propriedades de imigrantes negros, fora a certeza de outras moradias africanas como as senzalas nas fazendas.

Interessante observar a ausência de uma comunidade quilombola na região de Casa Branca, considerando o número de escravos que a cidade recebeu no sec. XIX e as 12 fazendas cafeeiras que precisavam de mão de obra escrava.

É de extrema relevância questionar as moradias dos homens negros livres após abolição da escravatura, que nos leva a imaginar que as edificações eram necessárias para o abrigo dos mesmos.

Acredita-se que as moradias dos escravos eram construídas usando padrões arquitetônicos africanos, como ausência de janelas, telhas de duas águas e adobe. Em suma, há indícios de predominante influência da arquitetura africana nas habitações escravas nas fazendas cafeeiras de Casa Branca, apesar da demolição das senzalas. Sugere-se o reconhecimento de técnicas construtivas africanas na região, partindo da terra crua e mão de obra escrava. A ausência de dados históricos e preservação das moradias africanas tornam-se obstáculos para pesquisas nesse campo, mas não devem se tornar barreiras aos estudos.

REFERENCIAS

CLEBER, Maciel. Negros no Espírito Santo. Vitória, ES: DEC, SPDC/ UFES, 1994.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

FARIA, Juliana Prestes Ribeiro. **Influência Africana Na Arquitetura De Terra De Minas Gerais. 2011.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FREYRE, Gilberto. **O Escravo Nos Anúncios De Jornais Brasileiros Do Século XIX.** 2. ed. Aum. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979. 125p.

FREYRE, Gilberto. **Mucambos do Nordeste: Algumas notas sobre o tipo de casa popular mais primitiva do nordeste do Brasil.** Rio de Janeiro, SPHAN-MÊS, s.d. (1937).

GORENDER, Jacob. **O Escravismo Colonial.** 4. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 1985.

HAESBAERT, R. **O Mito Da Desterritorialização: Do “Fim Dos Territórios” À Multiterritorialidade.** 1.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 400p.

HAESBAERT, R. Território, Poesia e Identidade. In: HAESBAERT, R. **Territórios alternativos.** São Paulo: Contexto, 2006. cap.8, p. 143-158.

IBGE. **Casa Branca.** Disponível em <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/saopaulo/casabranca.pdf>> Acesso em: 18 de agosto de 2018

MATUK, Fernanda Ayaviri . Território, **Conhecimento Local e Uso de Solo na Comunidade Quilombola.** 2012. Dissertação (Mestrado em Solos e Nutrição) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa MG.

MARQUESE, Rafael de Bivar. **Moradia Escrava Na Era Do Tráfico Ilegal: Senzalas Rurais No Brasil E Em Cuba,** c. 1830-1860. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v.13, n. 2, p. 165- 188, 2005.

MOTTA, José Flávio. Derradeiras Transações: O Comércio De Escravos Nos Anos De 1880 (Areias, Piracicaba E Casa Branca, Província De São Paulo). **Almanack Braziliense,** São Paulo, v. no 2009, n. 10, p. 147-163, 2009. Disponível em:<http://www.almanack.usp.br/PDFS/10/AB_10_Artigos-05.pdf> .

MOTTA, José Flávio. **Escravos daqui, dali e de mais além: o tráfico interno de cativos em Constituição (Piracicaba), 1861-1880.** Revista Brasileira de História, São Paulo, ANPUH, v. 26, p. 15-47, jul./dez. 2006, p. 31

OLIVER, Paul. **Built to Meet Needs: Cultural Issues in Vernacular Architecture.** Itália: Architectural, 2006



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

PEREIRA, Vanina. M **A herança da arquitetura africana nas comunidades**, Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

POHL, Johann Baptist Emanuel. **Viagem no interior do Brasil: empreendida nos anos de 1817 a 1821 e publicada por ordem de sua majestade o imperador da Áustria Francisco Primeiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro. 1951. 2v. **Recenseamento Geral do Brasil 1872**. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/Recenseamento_do_Brazil_1872/Imperio%20do%20Brazil%201872.pdf> Acesso em: 25 de março de 2018.

REDE GLOBO, **Especialistas divergem sobre o legado dos africanos na arquitetura**. Disponível em: < <http://redeglobo.globo.com/acao/noticia/2013/03/2303-especialistas-divergem-sobre-legado-deixado-pelos-africanos-na-arquitetura.html>> Acesso em: 23 de junho de 2018

Ross, J. L. S.; Moroz, I. C. **Mapa geomorfológico do Estado de São Paulo, escala 1:500.000**. São Paulo, Depto de Geografia, FFLCH, USP/IPT/FAPESP, 1997. 2v.

RODRIGUES, Mariana Pereira Horta. **Patrimônio Rural Do Município De Casa Branca: 1830 - 1900**. 2010. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo São Paulo.

SLENES, Robert. W. **Na Senzala uma Flor**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1999.

SOURCE, Labelle Prussin. **An Introduction to Indigenous African Architecture: The Journal of the Society of Architectural Historians**. Disponível em <http://www.arch.mcgill.ca/prof/sijpkcs/arch528/fall2001/lecture3/african-architecture.pdf>1994 Acesso em: 18 de agosto de 2018.

WEIMER, Günter. **Arquitetura Popular Brasileira**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2005.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 333p.

WEIMER, Günter. **Inter-relações arquitetônicas Brasil-África**. 2008. 40p. Pronunciamento de Posse como membro efetivo do IHGRGS. Porto Alegre. Disponível em: http://www.ihgrgs.org.br/artigos/Gunter_Brasil_Africa.htm. Acesso em: 25 de março de 2010.